

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO – ESAT
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

MARCOS TELLES DO NASCIMENTO

**DANÇA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS:
atuações do *arteducador* na rede pública**

MANAUS

2022

MARCOS TELLES DO NASCIMENTO

**DANÇA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS:
atuações do arteeducador na rede pública**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de Orientação de Projeto de Pesquisa II, do curso de Licenciatura em Dança da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como exigência para obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientador(a): Prof. Dra. Amanda da Silva Pinto

MANAUS

2022

TÍTULO DE APROVAÇÃO

MARCOS TELLES DO NASCIMENTO

**DANÇA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO EM TEMPOS PANDÊMICOS: atuações do
arteeducador na rede pública**

Trabalho de Conclusão de Curso solicitado pela
Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do
Estado do Amazonas, como requisito de aquisição do
título de Licenciatura em Dança, sob orientação da
Professora Dra. Amanda da Silva Pinto.

Manaus, 13 de junho, 2022

Nota Final: 8,4

Banca Examinadora:



Orientadora: Professora Dra. Amanda da Silva Pinto



Professora Dra. Érika da Silva Ramos



Professora Dra. Jeanne Chaves de Abreu

“Me movo como educador, porque, primeiro, me movo como gente”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me ajudou até aqui em meio a tantos desafios no decorrer da graduação.

Aos meus pais, Alberto Souza e Eldalia Telles que me apoiaram durante essa jornada e em várias outras, amo vocês. Meus irmãos e sobrinhos que me apoiaram no decorrer desta trajetória

Aos meus colegas de turma pelas partilhas e vivências compartilhadas durante esse ciclo, em especial a Jéssica Tolosa, Jamily Vitória, Alessy Padilha e Bruno Paiva que me deram suporte em várias situações, sejam elas acadêmicas ou não. Voem, vocês são incríveis.

Minha orientadora Amanda Pinto, por ser a melhor orientadora que eu poderia ter e que não desistiu de mim e da minha pesquisa quando até eu mesmo já estava para chutar o balde.

Por fim, agradeço a todos que passaram pela minha vida durante a graduação, sejam alunos, professores, supervisores, artistas e muitos outros. Vocês podem não lembrar de determinadas contribuições, mas eu lembro e agradeço, ajudaram na construção do profissional que sigo me tornando.

RESUMO

Neste trabalho será abordado sobre as atuações de professores da disciplina de Arte/Dança nas escolas públicas da cidade de Manaus, tendo em vista as dificuldades advindas da pandemia e o formato emergencial de ensino que se adotou pela Secretaria de Educação do Estado. A primeiro momento é feito um parâmetro sobre dança na escola e de como ela é enxergada nesse ambiente escolar, secundamente elucida-se sobre a tecnologia atrelada ao ensino e como isso se dava antes da pandemia e a forma como ela se fez nessa emergência educacional. Em seguida trago aplicativos e relatos sobre seus usos dentro das instituições de ensino para contextualizar essa relação do professor com os alunos. Por fim, trago a pesquisa sobre *ensinoaprendizagem* na escola pública, focando em suas dificuldades de acesso, técnicas e metodologias, além dos papéis que eles tiveram que assumir mediante o detrimento do ensino em contexto pandêmico.

Palavras-chaves: Pandemia; arteeducador; ensino remoto; Arte/Dança.

ABSTRACT

In this work, i approach the performances of teachers of the art/dance discipline in public schools in the city of Manaus, in view of the difficulties resulting from the pandemic and the emergency format of teaching that was adopted by the State Department of Education. The first moment is made a parameter about dance at school and how it is seen in this school environment, secondly delusional about the technology tied to teaching and how this was done before the pandemic and the way it was done in this educational emergency. Next, I bring applications and reports about their uses within educational institutions to contextualize this relationship between the teacher and the students. Finally, I bring the research on teachinglearning in public schools, focusing on their difficulties of access, techniques and methodologies, in addition to the roles they had to assume through the detriment of teaching in a pandemic context.

Keywords: Pandemic; arteducator; remote education; Art/Dance.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - DANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR	12
1.1 O que é Dança na Escola?	12
CAPÍTULO 2 - TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO	16
2.1 Tecnologias no Cotidiano.....	16
CAPÍTULO 3 - PANDEMIA: APLICATIVOS E METODOLOGIAS NO ENSINO REMOTO	21
3.1 Pandemia em Manaus/AM.....	21
3.2 Aplicativos e o Ensino da Dança	21
CAPÍTULO 4 - ASPECTOS METODOLÓGICOS	25
4.1 Quanto a natureza.....	25
4.2 Quanto aos objetos	26
4.3 Quanto a abordagem	26
4.4 Quanto ao método.....	27
4.5 Quanto a caracterização do sujeito e da pesquisa	27
4.6 Coleta de dados	28
4.7 Análise de dados.....	28
CAPÍTULO 5 - ANÁLISE DE RESULTADOS	30
5.1 Inquietações e Início da Pesquisa	30
5.2 Resultados e discussões acerca da aplicação da entrevista	31
5.3 <i>Arteeducador</i> e as Tecnologias	31
5.4 Agravamentos no ensino público manauara	36
5.5 Dança e sua invisibilização na pandemia.....	43
5.6 Pontos de vista das entrevistadas sobre o Ensino Remoto	47
5.7 Palavras finais das <i>Arteeducadoras</i>	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
APÊNDICES	56
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

Nas Escolas da rede pública de ensino, em geral, não há estrutura para a instrução da dança no formato presencial. Geralmente as práticas são realizadas em salas de aula com as carteiras afastadas ou em quadras, e com a pandemia o que já era difícil ficou ainda mais complexo, já que foi assumido um formato emergencial de ensino que se deu por meio de tecnologias.

Isso fez com que as dificuldades fossem multiplicadas e os professores buscassem formas de ensino desafiadoras aplicáveis ao mundo online. Ao participar da Residência Pedagógica no Instituto de Educação do Amazonas, escola localizada no centro da cidade, presenciei casos em que professores precisavam realizar atividades difíceis para fazer com que o ensino chegasse aos estudantes. Tais atitudes fizeram com que eu enveredasse por tal pesquisa, tendo em vista que a residência começou de forma remota e tivemos de adaptar para tal formato.

As dificuldades vão desde o não acesso as ferramentas remotas para o exercício pedagógico, até a falta de conhecimento para sua manipulação. Para tanto, busca-se compreender melhor o universo dessa lacuna, visto que a mediação por tecnologia se fez imprescindível para os anos de 2020 e 2021, que foram os anos onde ocorreram os altos picos da pandemia. Porém, tudo ocorreu sem nenhum planejamento deixando os professores em situações diversas.

Analisar as dificuldades e estratégias encontradas e até mesmo testadas nesse período pelos arteeducadores, se faz importante pelo fato de não ter havido um preparo prévio a qual eles fossem submetidos. É importante verificar como construíram estratégias para a *ensinoaprendizagem* da Dança na disciplina de Arte ao se depararem com o modelo remoto de Educação sem o calor, sem o toque, através das telas. Entre os objetivos específicos da pesquisa dentro desse quadro pandêmico estão investigar de que forma os professores realizaram contato com os alunos, sejam por meio de aplicativos ou outro meio de contato, as técnicas de ensino utilizadas e experimentadas durante o período de aulas remotas e os desdobramentos advindos de tais; registrar as principais dificuldades encontradas pelo arteeducador mediante os materiais disponibilizados pela secretaria de educação e que suporte foi oferecido nessa situação pandêmica; relatar as experiências vivenciadas por cada profissional em cada escola onde realizam docência a fim de trazer um relato de como

se deu essa relação entre professor, alunos, escola e comunidade em meio a pandemia de Covid 19.

Outro interesse importante é sobre quais papéis os arteeducadores tiveram que assumir além de educador, sendo que a estrutura da escola ficou desestabilizada e todos acabaram assumindo funções as quais não deveriam estar. Isso faz com que se pense nas experiências provenientes dessas relações de professor para professor/colega ou relação professor e aluno/família, sendo que antes o contato era direto com aluno na escola e com os desdobramentos da emergência o aluno precisou de um mediador entre ele e a escola.

No capítulo 1 da pesquisa está a fundamentação teórica que levanta temas e ideias de autores sobre a pesquisa. O primeiro tópico se chama Dança no Ambiente Escolar, que busca esclarecer desentendimentos sobre o ensino da dança, sendo ela uma disciplina produtora de conhecimento assim como as outras. Entre os teóricos estão Pinto (2016), Strazzacappa (2003), Rengel (2009) e principalmente Marques (1999), (2001) e (2021) que possui muitas experiências e um grande diálogo sobre o tema.

O segundo tema explorado é acerca das Tecnologias e a Educação, onde temos uma pequena introdução do que são, além de informações sobre as funcionalidades destas em campo educacional, seguindo por implicações destas na rede pública de ensino, tendo em vista as diversas realidades dos alunos. Entre os autores estão Rosini (2013), Dorigoni (2008), Avelino (2021), Xavier (2021), Pereira (2019) e Marques (2020). Os autores em conjunto permitem narrar situações que envolvem o ensino remoto e suas dificuldades, que se intensificam por meio do ponto de vista do licenciado em dança, que necessita dessa presença física, tendo assim de reformular suas práticas.

A conclusão do referencial teórico se dá no terceiro tópico intitulado de Pandemia: Aplicativos e metodologias no ensino remoto, que contextualiza a situação manauara em detrimento da situação pandêmica e as atitudes tomadas pela secretaria de educação em relação ao formato de ensino. Como aporte teórico estão Marques (2020), Watanabe (2021), Santos Junior e Monteiro (2020), Barbosa (2017), Amante e Fontana (2017) e Darski (2021) que trazem em suas pesquisas aplicativos, suas formas de uso, implicações destes materiais em meio educacional e inquietações resultantes do contato de alunos e professores com tais ferramentas.

O segundo capítulo traz o os aspectos metodológicos que dão base para a pesquisa, sendo esta de natureza pura, focada no estudo de caso de duas professoras do ensino básico, uma da Escola Estadual Cacilda Braule Pinto e outra no CETI Garcitylzo do Lago e Silva, que se deu de modo exploratório através do instrumento de coleta de dados entrevista. O método é fenomenológico e o delineamento se deu através da análise do discurso das profissionais que relataram vivências sobre o ensino em tempos de pandemia. Entre os autores usados estão Gil (2002), Prodanov (2013), Minayo (2001), Lakatos e Marconi (2001) e Andrade e Bastos (2015).

O terceiro capítulo está dividido em Inquietações e início da pesquisa e resultados e discussões acerca de aplicação da entrevista e se dá em forma de exposição dos discursos e a discussão desses, tendo como base as reflexões dos autores trazidas no decorrer da pesquisa e autores que dialoguem com as narrativas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. DANÇA NO AMBIENTE ESCOLAR

1.1 O que é Dança na Escola?

Um grande questionamento que muitas pessoas possuem é sobre a dança na escola, dizem que não é importante; é só um momento de diversão; nas festividades até pode entrar e ter um momentâneo espaço ou que leva libertinagem aos alunos pelo uso do corpo em práticas que na verdade são totalmente respeitadas e que possuem um objetivo educacional. Isabel Marques (2001) diz que “tanto o corpo quanto a dança ainda são cobertos por um mistério, um buraco negro que a grande maioria da população ainda não conseguiu investigar”. Tendo isso em vista se faz necessário desmistificar muitos entendimentos pré-concebidos em relação a dança.

A dança na escola é produtora de conhecimento e MARQUES (2001) a traz como um conhecimento direto que só se aprende fazendo e sentindo, causando assim um fazer/sentir que nunca estará dissociado do corpo. É necessário que os corpos estejam engajados de forma integrada com o seu fazer/pensar, criando assim corpos que sejam capazes de criar pensando e ressignificando o mundo com sua forma de arte. A dança além de envolver emoções, envolve também sentimentos cognitivos que são importantes na construção da forma de ver o mundo que está em constantes transformações.

A dança na escola desempenha também um papel social de relação uns com os outros e permite uma troca de conhecimentos que foi adquirida em seus corpos por meio de suas vivências, influências e aptidões. Tais vivências podem ser verbalizadas através do corpo em forma de críticas e conversações de temas diversos que permeiam a sociedade.

Quebrando-se o tabu de que “conversar não é dançar”, poderíamos introduzir em nossas salas de aula momentos de reflexão, pesquisa, comparação, desconstrução das danças de que gostamos ou não e, assim, podermos agir crítica e corporalmente em função da compreensão, desconstrução e transformação de nossa sociedade. (MARQUES, 2001, p.28)

A dança dentro das escolas é uma potência, ela traz uma forma de aprendizado que quebra os padrões escolares de estar sentado copiando e reproduzindo falas,

cálculos e normas que estão inseridas dentro do ambiente escolar de forma enrijecida. Possui papel importante e pode ser trabalhada de forma interdisciplinar com todas as outras disciplinas, proporcionando assim uma abordagem e diálogos diferentes do “acostumado” pelos alunos. O corpo fala e é necessário que sejam estimuladas todas as formas de expressão, principalmente para o público escolar que está em constante mudanças e transformações no mundo globalizado e necessitam expressar-se, seja em palavras ou em movimentos. Faz-se necessário ressaltar que os movimentos são importantes na expressão e no desenvolvimento do raciocínio em contexto educativo.

Artistas têm a pretensão de serem inovadores, polêmicos, debochados, diferentes e muitos outros adjetivos relacionados ao não convencional. Muitos destes que são licenciados não pretendem adentrar ao espaço escolar por não se identificarem com a prática docente e tudo bem, porém os que optam pelo caminho da licenciatura não podem se deixar levar pelo alijamento pedagógico que faz com que as práticas sejam estagnadas em planos de aulas confortáveis, rotina de trabalho e atividades cristalizadas. MARQUES (1999) aborda o processo de escolarização da dança e seus desdobramentos ao “virar escola” devido a universalização nas instituições e o processo de ensino estipulado por elas.

Arteeducadores licenciados em dança não estão presentes no ensino regular de todas as escolas, o que faz com que muitas vezes essas atividades sejam realizadas de forma extracurricular. STRAZZACAPPA (2003) fala sobre a introdução da dança em determinadas escolas pelos alunos, professores incentivadores ou pessoas de fora do ambiente, com objetivos que vão desde se expressar, mudar o mundo com a dança ao utilizá-la para proporcionar desenvolvimento afetivo, cognitivo, social e psicomotor. Nem todos possuem um conhecimento e metodologias acerca do que ensinam e as escolas aceitam por ser algo que chama a atenção dos alunos, ainda que muitas vezes seja algo copiado, como dito por ela no ano de 1999, da televisão e de coreografias de músicas como por exemplo o ‘É o tchan’, que coincidentemente hoje se assemelha ao ‘Tik Tok’ e outras redes sociais, e como exemplo de 2022 podemos citar os “challenges” de artistas, ou seja, reprodução sem consciência.

Quando se adentra nas escolas e se diz: sou acadêmico/graduado em dança, os alunos perguntam logo se sabemos as reproduções de movimentos cristalizados nas mídias, o que pode ser explorado a princípio em determinadas aulas, porém se

faz necessário um momento para contextualização das potências e o papel da dança como área de conhecimento e tudo que se pode explorar por meio dela no ambiente educacional.

A sociedade brasileira está passando por muitas mudanças no campo da educação e ainda há uma grande lacuna na escola. A falta de profissionais formados em Dança atuando como *arteeducadores* nas instituições de ensino é um exemplo, sendo que não podem faltar profissionais das áreas de matemática, língua portuguesa e outras disciplinas:

A formação de professores que atuam na área de dança é sem dúvida um dos pontos mais críticos no que diz respeito ao ensino dessa arte em nosso sistema escolar. Na prática, tanto professores de Educação Física, de Educação Infantil, Fundamental I, assim como de Arte vem trabalhando com dança nas escolas (MARQUES, 2001, p. 22)

A falta de suporte e infraestrutura para aulas de dança nas escolas são fatores que acabam sendo remediados pelo Arteeducador, tendo em vista que nem toda escola possui uma quadra para se usar como espaço para práticas, sendo necessário a adaptação de salas de aulas para “salas de dança” onde se afastam as cadeiras para liberar espaço.

Mediante todo esse contexto, o ensino da dança, embora tenha conquistado espaço no segmento educacional, continua sofrendo distorções em relação a quem ministra tais aulas e muitas vezes pessoas sem formação na área atuam como docentes dentro de escolas sem uma didática e formação adequada para tal função. “Professores com formação superior seriam até dispensáveis, caso a dança fosse somente um conjunto de repertórios prontos...” (MARQUES, 2001, p. 19). Outro desentendimento que acontece nas escolas é o uso dela como brincos de festas:

Ainda há aqueles que, dentro da escola, incluindo diretores, gestores e professores, que não têm conhecimento da seriedade do trabalho com a dança, no sentido de que ela não serve somente para abrilhantar momentos festivos. (PINTO, 2015, p. 29)

A arte/dança não se constitui apenas de passos e suas reproduções, ela sofre influência das particularidades e experiências que cada um acumulou durante sua trajetória. Por isso a importância de se respeitar e instigar o repertório do aluno, a fim de que sua expressividade seja protagonizada na Escola. Além disso, a arte do movimento (dança) ainda precisa de valorização na escola, no sentido da compreensão de que o movimento (e ainda artístico, ou seja, na estesia) faz parte da

inteligência/cognição do indivíduo para agir no mundo, para aprender/perceber qualquer coisa também. Portanto, “o movimento, quando aceito como um sentido do corpo, pode atuar de forma diferente na Educação, colaborando na construção de outras estratégias pedagógicas nas Instituições de Ensino.” (PINTO, 2021, p. 140). Logo, compreender a dança como uma ação não somente motora, mas que exercita *mentecorpo*¹, numa relação corponectiva (RENGEL, 2009) deve ser defendida frente a sociedade escolar.

O fazer e ensinar dança dentro da escola caminha de forma diferente das academias, estúdios e companhias onde o movimento é usado e realizado de forma mais tecnicista, visando um alto rendimento. O ensino de dança escolar está atrelado a percepções cognitivas que somente a arte do movimento pode oferecer em sua experiência estética e processo de construção do saber:

A proposta aqui é trabalhar o movimento como o primeiro sentido nos processos cognitivos ou de aprendizagem. Já que este sentido participa constantemente da construção cognitiva, considera-se que o mesmo esteja envolvido no processo do aprender (inclusive a matemática, a história ou a geografia). Isto posto, e constituindo-se a Dança em movimento, pretende-se pensar na construção do conhecimento com esta arte do corpo e, portanto, numa área de conhecimento potente nos processos de aprendizagem quando exercitada em contextos interdisciplinares. (PINTO, 2021, p. 142)

É inegável que a dança tem muito a agregar na *ensinoaprendizagem* de jovens, crianças e adultos e ainda se têm bastante chão a percorrer até que se implemente (de fato e de direito) como disciplina na escola. Tendo em vista as adversidades e adequações pelas quais são necessárias passar em tempos de emergência como a pandemia da Covid-19, se deu a junção de tecnologia e educação como forma de emergência.

¹ Neologismo utilizado pela Profa. Dra. Lenira Rengel (2007) para designar que *corpomente* é uma operação cognitiva sempre junta. Ou seja, não existem operações cognitivas que ocorrem somente no nível “mental” ou somente em nível “corporal”. Quando dançamos (ou quando fazemos qualquer coisa, inclusive quando imaginamos) sempre operamos cognitivamente como *corpomente*.

2. TECNOLOGIAS E EDUCAÇÃO

2.1. Tecnologias no Cotidiano

A humanidade sofre evoluções desde o início dos tempos, sempre em busca de melhorar ou otimizar ações e serviços deixando a rotina diária rápida em busca de conforto e modernização. A linguagem e seus veículos também sofreram mudanças, algo natural das transformações humanas:

Somos sujeitos marcados pelas horas que passamos em frente às telas, que atuam como uma espécie de “treinamento”, jamais interrompido, pois não cessam à noite, nos finais de semana, ou nas férias. E, como tudo que se repete com esse tipo de disciplina, o que dela resulta aparece no corpo, mesmo quando não estamos na frente das telas. Podemos identificar traços novos em nossos pensamentos e ações, ecoando os novos hábitos cognitivos que agora nos constituem. Além das telas, convivemos com robôs cada vez mais humanizados, e já habitamos um mundo no qual os objetos estão conectados e conversam entre si (batizado de ²Internet das Coisas). (KATZ, 2018, p 761 a 762)

Os aparelhos eletrônicos se fizeram importantes na rotina de qualquer estabelecimento, desde o Mercadinho do seu Zé a grandes empresas internacionais. E nas escolas não seria diferente, já que o computador armazena, processa e disponibiliza informações através de alguns cliques otimizando serviços e proporcionando um atendimento com maior praticidade:

Os avanços da informática, dos computadores e de outras formas de tecnologia têm exercido efeito significativo na sobrevivência das organizações. É difícil encontrar qualquer forma de organização ou de processo organizacional que não tenha sido alterada pela presença de novas tecnologias. (ROSINI, 2013 p. 3)

Como dito anteriormente os computadores são equipamentos que auxiliam no cotidiano, porém o ser humano sempre estará à frente criando sentido e proporcionando relações em novos formatos. Para Rosini “o computador não é solução e sim uma tecnologia que servirá de auxílio em situações diversas, Rosini diz que as tecnologias da informação e comunicação abrem possibilidades antes inexistentes.” (ROSINI, 2013 p. 27)

² Internet das coisas é um conceito que se refere à interconexão digital de objetos cotidianos com a internet, conexão dos objetos mais do que das pessoas. Em outras palavras, a internet das coisas nada mais é que uma rede de objetos físicos capaz de reunir e de transmitir dados.

Quando falamos sobre tecnologia da informação temos várias linhas teóricas e abordagens diferentes de autores, dentre elas. A seguir trago uma definição acerca do tema em questão:

A definição de tecnologia da informação abrange uma gama de produtos de ³hardware e ⁴software que é capaz de coletar, armazenar, processar e acessar números e imagens para o controle de equipamentos e processos de trabalho e para conectar pessoas, funções e escritórios tanto dentro das organizações quanto entre elas, sendo uma poderosa ferramenta para controle que permite monitorar e registrar muitos aspectos do comportamento e desempenho da organização. A tecnologia acaba facilitando determinadas atividades até então desenvolvidas por outros métodos, como, por exemplo, pelo processo manual. (ROSINI, 2013 p. 28)

A inserção das tecnologias no ambiente escolar foi discutida por alguns anos e hoje ainda se tem questionamentos, DORIGONI, et al. (2008) fala sobre a implementação das ⁵Tecnologias de Interação e Comunicação – TIC nas escolas e alega que é uma ferramenta importante que já se faz presente no cotidiano dos alunos que possuem acesso a informações em questão de segundos. Porém, não deve ser realizado de qualquer forma, precisam ser criados conhecimentos e mecanismos para que não seja apenas um instrumento lançado às salas de aula. Os professores necessitam ser qualificados para tal e metodologias devem ser estudadas em conjunto com o fim de uma inserção de qualidade, visando que as tecnologias usadas de “qualquer forma” podem atrapalhar os educadores e tirar a atenção dos alunos.

Pensadas no ambiente escolar, essas tecnologias trazem uma experiência diferenciada ao ensino e proporcionando estímulos na criatividade, cognição, percepção e outros.

Essas tecnologias intelectuais oferecem:

Novas formas de acesso à informação: navegação por hiperdocumentos, caça à informação pelo uso de mecanismos de pesquisa, knowbots ou agentes de software, exploração contextual por mapas dinâmicos de dados;
Novos estilos de raciocínio e de conhecimento: a simulação, verdadeira industrialização da experiência do pensamento, que não advém nem da dedução lógica nem da indução, mas da experiência. (ROSINI, 2013 p. 53)

³ Hardware é a parte física do computador, ou seja, o conjunto de aparatos eletrônicos, peças e equipamentos que fazem o computador funcionar.

⁴ Software é um termo técnico que foi traduzido para a língua portuguesa como suporte lógico e trata-se de uma sequência de instruções a serem seguidas e/ou executadas, na manipulação, redirecionamento ou modificação de um dado ou acontecimento.

⁵ TICs é a sigla para Tecnologias da Informação e da Comunicação e diz respeito às máquinas e programas que geram o acesso ao conhecimento. Elas consistem no tratamento da informação, articulado com os processos de transmissão e de comunicação.

Em 2019 ainda não se havia inserido as TIC de forma correta nas escolas, e no fim do ano em questão foi anunciado o surgimento de uma pandemia que continua agindo sobre todo o mundo, causando impactos severos no Brasil. AVELINO, et al. (2021) faz um parâmetro sobre a educação e traz à tona o fato dela ser precária em solo brasileiro. Com as paralisações provenientes da pandemia da covid 19 novas problemáticas surgiram: professores sem qualificação tecnológica passando por problemas como fome, agravação da falta de acesso à informação, violência doméstica, pais que não tem capacidade de oferecer assistência pedagógica e outros fatores que afetam o aprender dos alunos que passaram a ter aulas em casa através da televisão, plataformas e até mesmo redes sociais. A desigualdade também é abordada e enquanto alguns têm acesso a cultura, boa alimentação, internet de qualidade e estrutura, muitos ficaram totalmente sem acesso.

Desde 2020 foram necessárias reformulações emergenciais nas formas de ensino no Brasil, os profissionais de Arte/Dança precisaram levar a dança da sala física para a remota, onde o contato aluno-professor pode ser interrompido em um clique conforme o aluno bem entender ou por problemas na conexão, criando-se assim uma barreira invisível entre aluno e *arteducador*.

*Vou confessar uma agonia
Sou professora na pandemia
Desabafar a minha dor
Pois desde março eu moro no computador
É Google Meet, é aula síncrona e assíncrona
É uma novela pra compartilhar a tela
É o aluno que não liga o microfone
Abre essa câmera e me diga o seu nome
É videoaula pra inserir na plataforma
Sedentarismo me deixou fora de forma
É profusão de link para reunião
É o maremoto chamado ensino remoto
(XAVIER & SOUZA, 2021, p. 152)*

Acompanhar as aulas de casa faz com que o esforço para se manter concentrado na disciplina e explicação do professor aumente. Tudo se torna distração, desde uma notificação no celular ao vento que entra pela janela. Lugar de casa onde se estuda também faz uma grande diferença, se você possui um local de estudos próprio é mais um upgrade no foco em relação as aulas, mas se não possui e vai estudar na cama, por exemplo, é bem provável que aos poucos se vá deitando e logo pegue no sono durante a aula. Alunos deixam claro que acompanhar as aulas por plataformas digitais é complexo, todavia, muitos se motivaram e motivaram uns aos

outros. Nas aulas de “Prática Integrada de Extensão” da FURB, ministrada pela Professora Dra. Jussara Xavier tiveram os seguintes relatos:

(...) o funcionamento do projeto na internet também requisitava a manutenção de uma presença on-line, do compromisso em buscar estabelecer vínculos, indo além da mera manifestação de discursos. O desafio de cada dupla incluía o propósito de motivar e provocar o envolvimento das pessoas, incluindo seus próprios colegas de sala, estimulando-os à participação. (XAVIER & SOUZA, 2021, p. 160)

Durante outra disciplina nesta mesma instituição denominada Metodologia do Ensino da Dança Escolar os alunos criaram materiais pensando nessa aplicação a distância. “Devido ao período de excepcionalidade pelo qual passamos, o exercício foi pensar na concepção e produção dos materiais educativos e didáticos, sendo entendidos como objetos propositores” (XAVIER & SOUZA, 2021). Claro que tais iniciativas de se criar instrumentos de ensino da dança mais lúdicos e até mesmo criativos e inovadores não foram influenciadas somente pela pandemia, sendo assim muitos professores que se formaram antes não tiveram tais experiências e expertises se preparando para a era tecnológica que está implantada em formato emergencial, tendo que correr atrás de métodos e utensílios para potencializar a aulas. “Hoje, as práticas educativas da Dança Digital integram os currículos dos 45 cursos de nível superior em Dança, no Brasil. Até o momento, esses cursos estão divididos em 10 de bacharelado e 35 de licenciatura(...)” (PEREIRA, 2019, p. 25). Trazendo para a realidade do Amazonas, onde somente a Universidade do Estado oferece o curso de Dança ainda não se há implementação de uma disciplina que fale sobre as Tecnologias trabalhadas em conjunto com dança. Somente em 2022/23 haverá reformulações no currículo do curso e possivelmente entre as novas disciplinas que abordarão novas tecnologias associadas ao ensino da dança.

O ensino em rede básica possui muitos aspectos precários, os quais já conhecemos, principalmente o de arte/dança, que por vezes nem está presente. Os profissionais que ministram tal disciplina se reinventaram de várias formas e sem preparo e assistência adequada da Secretaria de Educação:

A pandemia da Covid 19 nos forçou a incorporar novas formas de dar aulas e de dançar, talvez. No entanto, pagam menos e gastamos mais, desgastamos nossas relações, usamos nossas próprias máquinas, pagamos internet com nossos proventos; estamos sem tempo para aprender e tendo de ensinar, gerando conteúdos para as redes e sem direitos autorais. Estamos, como professores e artistas, nos super-expondo, expondo nossas casas, nossos corpos. (MARQUES, 2009, p.163)

Dentre todas essas adaptações e mudanças, se fez necessário não somente ser professor e sim ser editor de vídeos e imagens, entendedor de ⁶algoritmos, especialista em criar formulários e muito mais. Todo esse conhecimento se faz muito necessário, mas também é cansativo em várias esferas já que o trabalho acontecia de casa e não se tinha um planejamento para esse formato, o que causava um maior tempo de organização com o material que havia disponível. “Não que isso não seja bom, um aprendizado para vida, diriam, mas melhor seria se esses aprendizados fossem por gosto e trouxessem prazer, não por só por produtividade, obrigação, vaidade ou dinheiro” (MARQUES, 2009, p. 165)

É necessário pensar a implementação adequada do ensino através das tecnologias, porém ele não substitui a presença física, o olho no olho e o toque que são necessários ao ser humano nas relações, formação e aprendizado. Sobre a rotina nas telas Isabel diz:

Além disso, nas telas, mesmo que estejam abertas, não há mais possibilidade de diálogo tal qual como conhecemos e prezamos na presença: o diálogo verbal, corporal, intuitivo, sensível. Nas telas, também não há escuta propriamente dita, a escuta do corpo: há microfones, há sons vazados, há microfônias e, por isso, os mantemos fechados. (MARQUES, 2009, p. 167)

Os professores tiveram muitas experiências nesse mundo das telas, a presença se fez de outra maneira, mas continuou sendo presença por meio de aplicativos e redes sociais. Tais vivências acabaram desmotivando e os levando a trabalhar de forma mais intensa para alcançar os alunos que permaneceram na escola, tendo em vista a grande evasão por conta da pandemia. Pensando nisso, no tópico seguinte abordaremos as metodologias e aplicativos usados na pandemia pelos profissionais de educação.

3. PANDEMIA: APLICATIVOS E METODOLOGIAS NO ENSINO REMOTO

3.1 Pandemia em Manaus/AM

A pandemia em Manaus/AM foi anunciada em março de 2020 e atualmente se encontra mais controlada devido às vacinas que foram criadas desde o seu anúncio.

⁶ Em matemática e ciência da computação, um algoritmo é uma sequência finita de ações executáveis que visam obter uma solução para um determinado tipo de problema.

A primeira atitude dos órgãos educacionais foi de mandar os alunos para casa, já que o vírus é transmitido facilmente através do ar, de apertos de mão (seguidos de toque nos olhos, nariz e boca), por meio da tosse, espirro e gotículas respiratórias contendo o vírus (BRASIL, 2022).

A SEDUC anunciou o projeto “Aula em Casa” para a realização de aulas emergenciais para os alunos na rede aberta de televisão, algo que não foi eficaz por si só, sendo necessário que os pais monitorassem as atividades dos alunos em casa. Nem todos os pais desempenharam este papel por diversos fatores como: falta de tempo por estarem trabalhando em meio a pandemia, alguns não sabem ler e nem escrever, falta de internet para conversar com os professores no *WhatsApp* e até mesmo a própria negligência. Os professores, após determinado momento voltaram a ministrar aulas só que de forma remota, passando vídeos, atividades, corrigindo, dialogando com os estudantes da forma que podiam. Houve uma flexibilização da pandemia e os alunos voltaram para a escola divididos em grupo A e B, onde determinados alunos iam dias de segundas e quartas-feiras e outros iam em dias de terças e quintas-feiras, restando a sexta-feira como dia de ensino remoto no “Aula em Casa”.

O segundo pico da pandemia aconteceu em fevereiro de 2021 e os alunos foram mandados novamente para casa para estudar somente através das telas voltando as salas de aula somente em agosto de 2021.

3.2 Aplicativos e o ensino da dança

Com a mudança emergencial do ensino nas escolas, muitos aplicativos como *Zoom*, *Google Meet*, *Google Classroom*, *WhatsApp* e vários outros começaram a ser bastante usados a fim de encontrar qual melhor se adequaria a prática docente. Cada instituição adotou um aplicativo diferente, mas todos os professores passaram por uma mesma situação: a falta de controle e contato com os alunos do outro lado do computador. O rumo da aula passou a depender não somente do professor como mediador, essa mediação passou a ser comandada também pelo aluno:

Estudantes, atrás das telas, têm tido um “poder” de manusear suas câmeras como quiserem e participar das aulas sem controle total do professor (não estou considerando aqui a avaliação punitiva nem medidas posteriores às aulas): câmera fechada, aberta com ângulo escolhido, gallery view (mostrar-se para todos), pin vídeo (colocar alguém em evidência), speaker view (close

de que está falando), spot light (alguém o coloca em evidência), hide non vídeo participantes (sair de cena completamente) e assim por diante são opções de ver e se deixar ver/ou não que nem sempre estão sob o jugo dos professores. Com um agravante: nem sempre todos estão no mesmo modo de ver, o que pode deixar o professor bem desorientado! (MARQUES, 2009, p. 168)

Tendo em vista as mudanças da presença real para a virtual, houve mudanças que precisaram acontecer, o que era feito em sala de aula e no mesmo ambiente que o aluno claramente não funcionaria a distância, tendo em vista que o ensino não foi projetado para ser EAD. A covid chegou no final de 2019 e mudou toda a rotina do mundo com distanciamento social e paralização de atividades. “Estes fatos levaram as instituições de ensino a suspenderem praticamente todas as atividades presenciais e a adotarem emergencialmente soluções diversificadas de ensino, como o ensino remoto usando Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC).” (WATANABE et al, 2020, p. 3)

“Durante o período de distanciamento social, uma parcela significativa de professores tem buscado formas de se capacitar em estratégias e tecnologias de ensino remoto como forma de garantir a qualidade na formação dos estudantes.” (WATANABE et al, 2020, p. 4) Ao contrário dos jovens desta geração que já nasceram em contato com toda essa tecnologia nas mãos, muitos professores não tinham conhecimento prático dos usos e funções disponibilizados por cada aplicativo, tendo assim que passar por um processo de adaptação.

Dentre as plataformas que ficaram em alta nesse contexto, temos o *Google Classroom*, segundo SANTOS JUNIOR e MONTEIRO (2020 apud GOOGLE CLASSROOM, 2020) ele dá suporte ao professor para avaliar atividades, além de ser baixado gratuitamente em vários dispositivos e não necessitar obrigatoriamente de instalação, tudo fica arquivado e tem notificações de atividades e outros.

Outra ferramenta usada foi o *ZOOM*, porém ela é paga, tendo a função gratuita apenas 40 minutos de duração. Lá é possível apresentar mídias e algo interessante é a sua capacidade de mostrar todos os usuários ao mesmo tempo (SANTOS JÚNIOR e MONTEIRO, 2020). Essa função é boa para realização de práticas em dança, onde se pode verificar e observar a grande parte dos alunos que está participando sem precisar “andar” pela sala.

O *WhatsApp* mesmo sendo uma rede social foi de grande importância nesse contexto. Ele é considerado um instrumento pedagógico que não precisou de

treinamento para auxiliar na comunicação aluno/professor/demais colegas. (MOREIRA e TRINDADE, 2017) Já as autoras AMANTE e FONTANA (2017) enxergam o aplicativo com um potencial elevado para criar espaços de trabalhos alternativos e consideram a comunicação mais fluída e informal, algo que tira a tensão do aluno. Temos também o ponto de vista de BARBOSA, SANTOS & RIBEIRO (2017) que vê potencial nele como diário digital, pois armazena fotos, mensagens, áudios e vídeos, além de links e ser possível salvar dados em nuvem e os alunos podem acessar e visualizar novamente os esclarecimentos do docente.

O *WhatsApp* acabou sendo o aplicativo que mais rendeu aos professores, pais e alunos nesse ambiente de emergência na escola. É um aplicativo simples de manusear, onde os pais que não sabiam ler e nem escrever podiam mandar áudio, os alunos tinham a opção de enviar fotos, revisar os informes passados através do histórico pelos professores e coordenação e enviar vídeos sobre práticas em dança para as atividades solicitadas pelos arteeducadores, caso houvesse.

Um aplicativo bastante utilizado também pelas escolas se chama *Google Meet*, ele dá opção de lousa interativa, fixar quem você quer ver, levantar mão para falar, apresentar mídias, fazer enquetes, alterar layout e outros. (DARSKI et al, 2021) Esse aplicativo é semelhante ao *zoom* e acabou se tornando bastante popular entre as instituições de ensino.

Os alunos da SEDUC possuem um e-mail escolar registrado em seus nomes que pode ser ativado através do seu código de matrícula no site portal educacional da instituição, porém poucos usam tal e-mail por não saberem ativar, mexer ou por não quererem mesmo. Ao ser ativado, ele permite que sejam vistos boletim, frequências, trabalhos e atividades lançadas, além de dados do histórico escolar do aluno em questão.

Os professores enfrentaram e seguem resistindo diante de várias adaptações e remodelações para oferecer um ensino com qualidade aos alunos. O período pandêmico ficou marcado em todos nós e a pandemia, embora controlada, deixou resquícios nos alunos que abandonaram os estudos; em estudantes e professores que perderam alguém da família, amigos e conhecidos; e alterações de comportamento tanto em professores quanto em alunos, que foram os que mais apresentaram casos.

Baseado nestas dificuldades, foi elaborada esta pesquisa com objetivo de relatar e investigar tais fenômenos no campo da educação, tendo em vista que as tecnologias estão entre nós. As investigações buscam verificar a forma de aplicação de práticas no ambiente escolar, se é que se deu e de que forma se deu esse ensino mediado por formato emergencial.

4. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para Gil (2002) pesquisa é um procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema.

Prodanov (2013) diz que a metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação.

Minayo (2001) entende por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Ou seja, a metodologia inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal, sua sensibilidade)

4.1 Quanto a natureza

De acordo com Lakatos e Marconi (2002), a pesquisa sempre parte de um tipo de problema, de uma interrogação. Dessa maneira, ela vai responder às necessidades de conhecimento de certo problema ou fenômeno, várias hipóteses são levantadas e a pesquisa pode invalidá-las ou confirmá-las.

A pesquisa em questão seguiu o método puro, pois visa dialogar acerca das metodologias de ensino de arteeducadores licenciados em dança e suas vivências em meio a pandemia, propondo assim um levantamento das experiências e os seus diversos desdobramentos na rede de ensino pública.

Minayo (2001) portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. A pesquisa caminha com base nas vivências que presenciei dentro do ambiente escolar e juntamente delas está o desconforto com a situação do ensino da dança mediada por tecnologias.

4.2 Quanto aos objetos

A pesquisa seguiu para campo em forma de estudo de caso, já que a pretensão foi explorar o ensino remoto e as experiências do arteeducador em meio ao formato de ensino emergencial em duas escolas públicas estaduais de Manaus. Segundo Gil (2002) o estudo de caso não pretende proporcionar um conhecimento preciso das características de uma população, mas sim uma visão global de um problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados.

Com o objetivo de explicitar os problemas em relação ao ensino remoto, parte para a exploração através de entrevista com profissionais licenciados em dança que desempenham papel na rede pública de ensino e que atuaram no ensino em formato remoto pandêmico. Conforme Gil (2002), o estudo de caso têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições.

O estudo de caso e a pesquisa exploratória se complementam no levantamento de dados, já que o tema explorado em questão tem foco no arteeducador e suas vivências de ensino em meio a pandemia, expondo características, pontos de vistas, ideais, metodologias e suportes diferenciados de pessoa para pessoa entrevistada. Resulta em um levantamento de experiências e exposição de déficits em meio a situação que norteia a pesquisa em diferentes pontos de vista.

4.3 Quanto a abordagem

A abordagem utilizada na pesquisa foi qualitativa, por se tratar de um campo educacional a investigar a forma com que os profissionais desenvolveram seus trabalhos com as condições de trabalho que lhes foi imposta pela emergência.

A análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a

redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório. (GIL, 2002, p. 133)

A pesquisa se dá em campo educacional e os profissionais têm seus padrões de “qualidade” de ensino pré-estabelecidos. O que deixou a pesquisa mais rica em pontos de vista e mais complexa em termos de parâmetros para análise de dados.

4.4 Quanto ao método

O método utilizado é o fenomenológico, onde temos a pandemia como fenômeno e as atuações desencadeadas como dados da pesquisa:

O estudo de campo apresenta algumas vantagens em relação principalmente aos levantamentos. Como é desenvolvido no próprio local em que ocorrem os fenômenos, seus resultados costumam ser mais fidedignos. Como não requer equipamentos especiais para a coleta de dados, tende a ser bem mais econômico. E como o pesquisador apresenta nível maior de participação, torna-se maior a probabilidade de os sujeitos oferecerem respostas mais confiáveis. (GIL, 2002, p. 53)

Os fenômenos dessa situação causaram diversas reações que foram sendo registradas através de entrevistas.

4.5 Quanto a caracterização do sujeito e da pesquisa

Duas professoras de Arte/Dança, uma do ensino médio e outra do fundamental e médio das Escolas públicas de Manaus, Licenciadas em Dança pela UEA.

A pesquisa está centrada no ensino de arte/dança em situação de pandemia através do lugar de fala do professor licenciado em dança dentro das instituições de ensino nas escolas estaduais da rede básica.

A pandemia modificou o formato de aprendizagem dos alunos e logo o modo de ensinar e manusear os conteúdos, ao que nos atemos nesta pesquisa. O professor precisou se adaptar a uma nova rotina que se estabeleceu para além do espaço físico dos muros escolares, não tendo assim uma dissociação entre local de trabalho e casa, pois tornaram-se um só, transformando a rotina de trabalho do profissional maior e mais desgastante.

A pesquisa caminhou em 3 etapas, sendo a primeira um levantamento bibliográfico e relatos sobre o tema e pontos abordados; a segunda consiste em uma

entrevista e registro das informações fornecidas pelos profissionais que não terão seus nomes citados; a terceira e última etapa se dá na discussão, revisão e análise dos resultados obtidas em campo.

QUANTO AO PROCEDIMENTO

4.6 Coleta de dados

Os requisitos para a participação na entrevista era ter formação em licenciatura em dança e atuar como professor(a) em escola pública durante o período de pandemia.

A coleta se deu em forma de entrevista com profissionais licenciados em dança e que atuam como professores da educação básica na disciplina de Arte. As participantes da pesquisa são duas profissionais do gênero feminino, uma atua no bairro Coroadó e outra no Tarumã. Uma das entrevistas ocorreu de forma presencial dentro do ambiente escolar e a seguinte se deu de forma online, pois a profissional não possuía muito tempo livre e achou melhor da seguinte forma.

Solicitei que as respostas fossem fidedignas e as respostas foram de encontro ao esperado, tendo em vista que o objetivo era registrar inquietações, problemática dos professores e a relação com a escola e com a comunidade, sendo este último os alunos e seus responsáveis. As duas profissionais receberam o TCLE antes de responderem as perguntas e foram muito receptivas durante todo o percurso de entrevista.

4.7 Análise de dados

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa acerca do ensino e sobre as atuações desenvolvidas pelos licenciados em dança na pandemia, foram utilizadas as respostas e vivências de duas profissionais que atuaram no ensino da Arte/Dança atreladas a teóricos e materiais publicados durante o período pandêmico.

Os resultados retratam de forma bastante clara a situação em que os profissionais se encontraram. Desde o pré-projeto, fundamentação teórica e

metodologia da pesquisa traziam situações, conceitos e hipóteses sobre os resultados que seriam obtidos.

O discurso das licenciadas está interligado com a realidade pandêmica da sociedade manauara, sendo de grande importância para compreender o fenômeno da pandemia nas escolas. Deusdará & Rocha (2005) apontam que a linguagem, de um ponto de vista discursivo, não pode apenas representar algo já dado, sendo parte de uma construção social que rompe com a ilusão de naturalidade entre os limites do linguístico e os do extralinguístico. A linguagem não se dissocia da interação social, sendo esta ação social educativa e presente para todos.

A análise de resultados se deu de forma exploratória das ações e das problemáticas de cada profissional, tendo como ponto de partida o sistema educacional pandêmico grave que durou entre 2019 e 2021 na cidade de Manaus/AM.

5. ANÁLISE DE RESULTADOS

5.1 Inquietações e início da Pesquisa

A pesquisa aqui apresentada surgiu através de experiências no campo educacional vivenciadas e compartilhadas com outros acadêmicos participantes do programa de Residência Pedagógica dentro do sistema de ensino emergencial. A escola passou por diversas situações que se agravaram com o decreto de pandemia e suspensão de atividades presenciais, deixando todos com incertezas acerca do ensino em escolas públicas, sendo o professor um dos pontos chave dentro da engrenagem escolar, e a partir de então decidi focar em seu lugar de fala. Diante de tantas situações na escola, surgiu o questionamento: de que forma o profissional licenciado em dança se adaptou ao ensino em tempo de pandemia?

O contato com as entrevistadas começou em fevereiro de 2022, quando tive um leve contato com os perfis das profissionais e respectivamente das escolas onde desenvolvem a regência. A *arteducadora* A⁷ concedeu entrevista na escola no dia 24 de março de 2022, sendo realizada na sala dos professores através de perguntas que foram gravadas através de celular.

Para conseguir a entrevista com a *arteducadora* B foi mais demorado. Foi realizado contato com outros licenciados em Dança e eles diziam que tinham interesse, porém depois não respondiam mais. A segunda licenciada em questão solicitou responder de forma virtual.

Ambas as participantes assinaram o TCLE e foram informadas que não teriam nomes citados durante a pesquisa. Também foi dito que, se quisessem, poderiam desistir após as perguntas da entrevista, algo que não aconteceu.

Agora será apresentado os resultados da pesquisa, que se dará por meio de **categorias de análise**, sendo elas: **dança e sua invisibilização na pandemia**, o **arteducador** e as **tecnologias** e as **fragilidades e agravamentos no ensino público manauara**.

⁷ Aqui as professoras entrevistadas serão chamadas de *arteducadoras* A e B.

5.2 Resultados e discussões acerca da aplicação da entrevista

A análise de dados se dá nas respostas das profissionais a entrevista, pautando-se nas reflexões de teóricos referenciados no presente estudo. As respostas das *arteeducadoras* serão colocadas em codinomes A e B, sendo expostas perguntas e respostas por ordem de entrevista.

A profissional A atua há 5 anos como arteeducadora e a participante B atua há 12 anos. Sendo a primeira atuante na Escola Estadual Cacilda Braule Pinto, no Coroadó e a outra no CETI Garcitylzo do Lago e Silva, no Tarumã, ambas em rede de ensino público e com formação em Licenciatura em Dança.

5.3 Arteeducador e as Tecnologias

No que diz respeito a tecnologias foi questionado sobre a reação das profissionais a notícia de ministrar aulas remotas. Tendo em vista que tudo ocorreu de forma emergencial e sem um planejamento adequado para dar suporte aos profissionais.

A respondeu

“olha, o primeiro pensamento era como ministrar aula de arte, de música, de dança, se a gente trabalha muito com o visual e com a prática, como que iam ser realizadas as aulas práticas, já que a gente precisa desse contato com aluno, essa foi a minha primeira questão e em relação ao tempo que foram colocadas as aulas, pelo formato online a aula era de 15 em 15 dias e os conteúdos que foram colocados para ser ministrado eram em maioria sobre artes visuais.”

Já a B disse

“foi bem confuso, eu não sou uma pessoa muito tecnológica, digamos que eu sou meio geração x ainda, tive que me adaptar, tive que aprender a utilizar diversos aplicativos e formas de trabalhar online”.

Podemos notar que as preocupações iniciais surgiram em volta de como seriam realizadas as aulas a distância, o que é totalmente compreensivo já que toda rotina

profissional das *arteeducadoras* mudaria por completo tendo em vista que a disciplina de arte está voltada a um contato presencial. As preocupações se dão pelos conhecimentos que elas teriam de correr atrás sobre equipamentos e aplicativos que poderiam usar da melhor forma em seu dia a dia, além de vivências com os alunos nessa nova realidade que se criou dentro do sistema de ensino manauara, vivenciando os problemas, aulas sem retorno e todos os tipos de impactos advindos da pandemia. E em meio ao cenário a professora A relata que as aulas de artes ocorriam quinzenalmente e não de forma semanal, o que mostra que a disciplina em local de importância caiu dentro da escola.

Esta pergunta foi pautada nas dificuldades de A e B em desenvolver aulas por tecnologias e como se deu suas organizações.

A professora A relatou

“Todas as dificuldades. A primeira: não tinha internet. A segunda: o nosso celular era o nosso principal meio de trabalho entre o aluno e o professor. O celular bugou, não comportou tanta informação, outra dificuldade era a comunicação mesmo, porque nem todos os pais estavam no grupo, então eu tinha 50% de pais no grupo e outros 50% não estavam, então não tinha contato com esse aluno. Outra dificuldade era mesmo eles estando no grupo, eles não produziam as atividades solicitadas e aí a maioria das atividades a gente só poderia solicitar a questão teórica, escrita, quando eu pedia outra atividade diferenciada ele já tinha dificuldade em desenvolver, tipo um vídeo, uma apresentação, algo mais elaborado. Foram essas umas das principais dificuldades.”

Enquanto a *arteeducadora* B

“tive muita dificuldade, tive que aprender, começar a baixar aplicativos, começar a procurar formas de como inserir atividades e como pegar essas atividades dos alunos, imagem ou PDF, depois Google Formulário, porque as notas já vinham direto pro meu e-mail, mas eu não tinha e ainda não tenho muito domínio dessa tecnologia atual para se trabalhar remotamente, então digamos que eu tive que ralar pra conseguir me adaptar e até hoje eu não sou 100%”

As dificuldades encontradas pelas docentes em realizar atividades e organizar a rotina são totalmente compreensíveis, além da situação de cansaço, medo e

preocupação em decorrência do vírus, ter que aprender a mediar seu trabalho por meio de plataformas que nunca usaram é assustador e preocupante, sendo que existe especializações para tais aplicações, não sendo de uma hora para outra que as formações são desenvolvidas. Saraiva, Traversini e Lockmann (2020, p. 12) falam que “insegurança, necessidade de adaptações rápidas, invasão da casa pelo trabalho e pela escola, ansiedade frente condições sanitárias e econômicas produzem professores em estado de exaustão.” Este cenário se tornou comum não só entre os profissionais da educação, mas entre os alunos, pais e outras pessoas em estado de vulnerabilidade.

Sobre treinamentos e qualificações, ambas relataram que não tiveram. Cada uma seguiu seu processo de aprendizado conforme conseguiu.

Entrevistada A respondeu

“Eu aprendi por meios próprios a partir do YouTube e aí quando eu aprendia eu fazia os vídeos e enviava para eles pelo WhatsApp para também eles terem acesso às informações”

Arteeducadora B disse

“Não, não tivemos treinamento e nem qualificação, porque todo mundo foi pego de surpresa no início, depois disseram que teve uma explicação de uns aplicativos lá que a gente poderia usar, mas não considero como uma qualificação e nem como um treinamento.”

Notamos aqui um momento autodidata das profissionais em relação a capacitações, já que não houve uma pelas escolas ou pela secretaria de educação. É importante frisar que o professor teve todo direito de ir conhecendo e amadurecendo o seu modo de proceder, não sendo um motivo para acusar competência ou falta dela. “Vale ressaltar que nem todos os educadores brasileiros, tiveram formação adequada para lidarem com essas novas ferramentas digitais, precisaram reinventar e reaprender novas maneiras de ensinar e de aprender” Cordeiro (2020, p. 10).

Qual a principal diferença entre os encontros virtuais e os presenciais e como se dava o contato com os alunos foi a pergunta seguinte.

A profissional A respondeu

“Estático, o contato com aluno era estático, a gente não tinha retorno, se eu tivesse contato com o aluno via Meet, ele estava ali, mas ele não participava da aula, era totalmente parada, então a gente nunca sabia se o aluno realmente estava ali, se o aluno estava presente, em relação às artes a gente observa muito essa presença do aluno, a participação, se ele entendeu, se compreendeu o movimento, se entendeu o desenho, se entendeu a música, mas online não, era muito estático, paralisado e aí a gente não tinha esse retorno, alguns alunos, pouquíssimos, vou contar aqui que 10% se comunicava dando um retorno, mandava um áudio dizendo “olha professora eu gostei daquela aula que foi assim, eu assisti na tv, eu queria que a senhora me explicasse mais um pouco, eu queria que a senhora mandasse algum material, mas foi basicamente em 10% desse quantitativo bem grande de alunos que existe na escola.”

A profissional B trouxe um relato que segue o mesmo caminho, porém da seguinte forma

“A principal diferença é notória, encontros presenciais são totalmente diferentes do encontro virtual, primeiro que você não encontra todos os alunos, se você tiver 30 alunos presencialmente não encontra 10 no remoto, porque nem 10 entram para encontrar com você no encontro do Meet. Você não dá uma aula no Meet para toda a turma, se for falar de novo a continuação da aula não dá porque você não conseguiu passar para todo mundo, a diferença é imensa, é gigantesca, até por conta de que nem todos os alunos possuem um meio para entrar naquela aula, não tem internet, eles não têm computador, eles não têm celular, então fica muito difícil as aulas remotas”.

Nota-se que esse formato de ensino não teve uma boa eficácia, tendo em vista que os alunos de escola pública não possuem material adequado muitas vezes no formato de ensino físico, quem dirá no formato online. Cordeiro (2020) traz uma pesquisa sobre o impacto da pandemia na educação na cidade de Manaus onde diz que “as ferramentas remotas precisam ter parâmetros de qualidade e que as desigualdades de acesso são enormes, mas ainda assim o ensino remoto foi a melhor saída para lutar contra o atraso no sistema de ensino”.

Considerando o contexto em que os estudantes estavam inseridos e todas as mudanças na sua rotina e até mesmo violências sofridas dentro de casa foi

perguntado as professoras se conseguiram identificar alterações de humor nos alunos.

A primeira disse

“Do primeiro ano para o segundo ano é o mesmo, mesma questão do humor, em partes tinha a questão da tristeza, mas eles também voltaram muito indisciplinados, eu não sei como que esse tempo de isolamento atingiu na questão do humor. Eles tinham raiva do professor por falar um pouco mais, eles demonstravam muita raiva, não sei se era porque tinha que voltar para a escola, voltar a estudar, eu não sei qual foi o motivo, mas eles voltaram diferentes, todos os alunos voltaram diferentes e eu acho que em questão de humor, tristeza e raiva foi um dos comportamentos que eu mais observei neles, que aí parte para um outro processo de estudo, o psicológico que aí já não cabe mais a gente”.

Enquanto a segunda

“Sim, muita alteração, muito mais grosseria com os professores, a gente percebe, eu percebo pouca tristeza e mais revolta”.

Ser afastado de forma tão drástica de uma rotina de convivência afetou os alunos. No início alguns até ficaram felizes por “não ter aula” e estar afastado do ambiente educação, mas a longo prazo sentiram a falta das relações e vivências diversas que a escola proporciona. É certo afirmar que muitos desenvolveram quadros de depressão ou agravaram uma situação durante o período de lockdown que foi e está sendo expresso nessa volta escolar de 2022. Em relação aos impactos do isolamento no ambiente escolar, Neumann et al (2020, p. 60) declaram que “o distanciamento e o fechamento das escolas afetam diretamente as crianças e os adolescentes, o que potencializa a solidão em consequência da contenção prolongada que pode resultar em uma depressão”. As crianças precisam desse contato físico, pois é ali que eles compartilham suas vivências e desenvolvem afetos que moldam seu desenvolvimento físico e cognitivo, como isso lhes foi tirado de forma brusca afetou sua saúde mental em detrimento da nova rotina.

No que se refere a abandono escolar, foi perguntado como se deu isso na escola em tempos pandêmicos,

A *arteducadora* A falou

“Acho que desistência não seria a palavra, acho que nesse momento houve o abandono, naquele período do retorno, por exemplo, que foi aonde foi mais observada. Enquanto estava na aula online, a gente não se preocupou com esse retorno deles, mas quando a gente voltou para a escola na aula presencial tinham alunos que vinham um dia e faltavam uma semana, vinham ou apareciam uma vez e não voltava mais, houve um abandono, mas eles não desistiram, porque de vez em quando eles apareciam. Quem abandonou foram os alunos que eram matriculados aqui, que eram venezuelanos, que uma grande maioria depois que melhorou um pouco a covid viajaram para outros estados ou voltaram para o seu local de origem, no caso a Venezuela.”

A professora B relatou que na escola onde atua

“Teve abandono sim, absurdamente durante a pandemia. O abandono já é visível durante o ano normal, com a pandemia foi absurdo e repito por causa de que os alunos não conseguem acompanhar, muitos não tem como, não tem celular, não tem internet, não tem computador, então fica muito difícil, houve abandono sim, por falta de interesse ou falta de vontade, tristeza, enfim...”.

Os motivos que levaram os alunos a abandonarem as aulas online foram diversos: depressão e desânimo por conta da rotina em isolamento; auxílio aos pais em despesas por conta da falta de dinheiro durante a pandemia; ter de cuidar de irmãos mais novos enquanto os pais trabalham; abusos de familiares, sejam eles físicos ou psicológicos; falta de internet, celular e quaisquer outros equipamentos, despejos e conseqüentemente a falta de moradia; mudança de estado ou país. De Souza, Ramos & Serafim (2021) relatam que o ensino remoto tornou ainda mais preocupante a permanência dos jovens na escola, e questionam se essa baixa seria apenas no formato online ou se estenderia ao presencial que estamos vivenciando em 2022.

5.4 Agravamentos no ensino público manauara

A seguinte pergunta foi sobre quando começaram as aulas no início da pandemia e como isso procedeu tanto em 2020 quanto em 2021. As respostas das

licenciadas foram parecidas, elas relataram que o ano letivo começou em fevereiro e em março todos foram mandados para casa devido a situação de pandemia, que os alunos começaram a estudar online, tendo uma volta híbrida para as salas e voltando presencialmente em 2022. Porém, a participante B foi além e disse:

“todo mundo surpreso, assustado, eu particularmente desesperada com a doença, na verdade nem fiquei tão desesperada com as aulas remotas porque era algo novo para todo mundo e nós precisaríamos descobrir todos juntos o que fazer e assim aconteceu, tanto que foi tropeços e tropeços que acontecem até hoje, hoje por exemplo a escola também está parada, estamos remotamente e ainda não acertamos. Não acertamos que eu digo é por parte da gestão que quer mostrar tanto trabalho e acabam não fazendo um que fica eficaz. É WhatsApp, é classroom, é foto de evidências, fotos trabalhando, foto de selfie para mostrar que está trabalhando, então se preocupam mais com o professor, em vigiar o professor do que se o aluno de fato está aprendendo”

Sobre os relatos que tinham acerca dos alunos e das suas famílias sobre a questão da pandemia A disse que

“Todos, desde as questões sociais não é, a gente teve muito relato de questões sociais, a gente teve muitos relatos de alunos que estavam retirando materiais do lixo para se alimentar, a gente teve relatos de alunos que perdeu mãe, perdeu o pai, perdeu o avô, que estava em depressão, ansiedade, relatos que são esses relatos psicológicos, então estava interferindo realmente no aprendizado desses alunos, a gente teve relatos de crianças sendo abandonadas, alunos que sofreram violência sexual dentro de casa, alunos que foram mortos por ir assaltar...”

Enquanto B disse

“É o que eu estou falando aqui desde o início, é muito difícil você ministrar uma aula, passar conhecimento para os alunos e os familiares desses alunos porque dificilmente hoje em dia há um acompanhamento da família com esse aluno, pode até dizer que está na aula e a família como está trabalhando, está ocupado ou mesmo não acompanha, não tem certeza, não sabe, não procura saber, então fica tudo muito vago sem acompanhamento e sem o conteúdo ter sido fixado por esse aluno”.

As faltas de acesso e violências vividas pelas famílias manauaras em contexto pandêmico são diversas, as dificuldades e situação de carências foram escancaradas diante dos professores, que desenvolviam contato direto com os alunos e suas famílias, tais profissionais deveriam ser amparados por psicólogos dentro das instituições tendo em vista que lidavam diretamente com as diversas narrativas dentro do cenário de pandemia, e tudo isto sem estarem isentos das problemáticas dentro de seus círculos de contatos pessoais. A falta de políticas públicas em contexto pandêmico falhou de forma miserável causando perdas que nunca serão reparadas.

Ao serem perguntadas sobre de que forma foi organizado o ano pela SEDUC, foi notório que cada instituição procedeu da melhor forma que conseguiu mediante sua realidade, e os professores tiveram que se adaptar as novas rotinas e interações advindas do local de trabalho que se estendeu até suas casas.

Arteeducadora A

“no primeiro ano a aula de artes ela seguiu uma aula por semana assistindo pela TV durante um período de 15 a 15 dias e aí saiam cronograma de datas, no dia daquela aula o professor entrava na parte da teoria e aí a gente acompanhava os horários para seguir o recebimento das atividades pelo celular, a quantidade diária de horas trabalhadas aumentou porque a gente recebia a atividade em qualquer horário, os pais não trabalhavam o respeito do horário do professor, então a gente teve muita dificuldade nessa questão da compreensão dos pais, mesmo com essa organização informando que era dessa forma eles não entravam num consenso de respeitar o nosso horário.

Pesquisador: e no segundo ano?

“já o segundo ano começou no mesmo sistema de aula e aí a escola definiu que no dia X o professor ia atender o aluno ou o professor determinava que ia atender o aluno, assim criamos mais experiências sobre a aula online utilizando o WhatsApp e aí vimos que poderíamos colocar as mensagens instantâneas dizendo nossos horários, informando aos pais esse horário e eles já entraram em uma organização melhor.”

A arteeducadora B disse

“o ano letivo procedeu de forma e quantidade de dias normais, quantidade de aulas e quantidade de horas que foram organizadas remotamente, nós tínhamos encontros pelo “Meet” com as turmas e atividades que a gente deixava de fixação de conteúdo, pesquisa, atividade geral no Google Classroom. Usávamos também outros aplicativos e outras formas de pesquisa para trabalhar os conteúdos com os alunos”

Além da pressão acerca do novo formato, os profissionais foram cobrados além dos seus limites em determinadas esferas, tornando-se profissionais exaustos que desempenham ações de forma excessiva ao lidar com aplicativos de mensagem, produção de videoaulas, envio de atividades, fotos de registro para “bater ponto” nas escolas e tempo de horas de trabalho não respeitadas.

Sobre como a escola se organizou para entrar em contato com os alunos elas disseram

“foi por meio de WhatsApp, se criou 36 grupos, no caso eu tinha 36 grupos no meu celular e foi quando eu não tive mais condições de atender ninguém, 36 grupos né, o horário da manhã, da tarde e da noite e a gente tinha que dar essa assistência diária, então chegava em torno de 500 mensagens por dia para ser lida, de informação, então para o professor de Arte que atende todos os alunos da escola ou você se organizava ou você virava a cabeça de não ter esse controle. E realmente por e-mail não funcionava, por ligação não funcionava ou o aluno tinha WhatsApp ou ele não tinha acompanhamento das aulas”.

A participante B informou que

“não entrei em contato com os pais, pois, trabalho com ensino médio. O meu público mais novo é da turma do 9º ano que é fundamental e aí eu falava com os alunos através desses aplicativos, Meet, e-mail ou por mensagem WhatsApp”

Um dos meios mais citados pelas professoras tanto em forma de acesso e como meio de contato com os alunos foi o WhatsApp. Barbosa, Santos e Ribeiro (2017), Moreira e Trindade (2017) e Amante e Fontana (2017) falam sobre mobilidade, aprendizagem, utilização dele como ecossistema de aprendizagem e até mesmo diário de atividades/ações pedagógicas. O aplicativo acabou se tornando a ferramenta

mais acessível e com diversas funções, além de manter todo o conteúdo armazenado para ser revisado posteriormente, possui funções de áudio, vídeo, fotos, envios de links e outras que se fizeram de extrema importância no meio educacional pandêmico.

No início da pandemia nem todos os professores tinham bons equipamentos e outros objetos tecnológicos para exercer a regência online, tendo como base tal informação as profissionais foram questionadas sobre quais materiais tinham no início da pandemia e quais possuem atualmente.

A profissional A respondeu que

“nenhum, só o celular eu não tinha computador, então no meio disso a escola forneceu um computador para eu ficar utilizando em casa e quando havia reuniões do Meet com a direção da escola também era preciso utilizar um computador, então como eu não tinha um computador eficiente a escola forneceu, era só esse material e a internet era eu que fornecia”.

Enquanto a B

“os mesmos, eu uso mais celular, eu uso mais celular até no dia a dia. Diário digital eu faço no celular, porém possuo celular, computador, notebook e o tablet, são ferramentas que eu utilizo para trabalhar essa forma.”

Aqui notamos um contraponto, onde uma das professoras dispõe de materiais para as práticas e outra não possui, tendo de ser socorrida pela instituição de ensino, o que acabou sendo realidade de muitos professores pela cidade de Manaus.

Sobre o conhecimento de aplicativos, ambas tinham pouco, tendo em vista que desenvolviam suas atividades em formato presencial.

A participante A disse que

“só o Classroom, só essa plataforma e o WhatsApp, Meet eu aprendi durante o processo, tive que utilizar durante o processo, e ainda utilizo até hoje o Meet, WhatsApp e o classroom, essas 3 plataformas. A SEDUC ofereceu outros aplicativos como o zoom e outras plataformas, mas o aluno não acessava”.

Enquanto B respondeu

“olha, vou ser bem sincera, essas plataformas e aplicativos eu não conhecia não, eu tive que conhecer”.

Da Silva e De Souza Teixeira (2020) relatam que quando o professor tem contato, manuseio com as tecnologias, ao mesmo tempo ele está em um processo autoformativo que o ajudará em sua prática docente e refuta o pensamento de que o professor está sempre apto a ensinar, sendo que está em constante evolução e vivenciando toda uma nova estrutura. Isso se dá nas falas das professoras que desenvolveram conhecimento e melhor desempenho através do uso em suas rotinas ainda que em um contexto de emergência.

Em termos de Metodologia, foi perguntado sobre como se deu na pandemia e como é atualmente.

Licenciada A disse que

“No início da pandemia a gente utilizava os livros didáticos, os meios digitais, os slides que a gente trazia, os conteúdos e vídeos que passavam em sala de aula e aí com a pandemia a gente continua utilizando o livro didático, mas em forma de imagem, já mandava para o aluno em forma de imagem, as páginas que a gente ia trabalhar escaneadas ou foto. Tinha aluno que nem tinha um contato com isso, nem teve contato com o livro, utilizamos também os recursos do Word, o trabalho digitado, o material digitado e enviado via PDF também”.

A *arteeducadora* B disse

“Minha metodologia de ensino presencialmente que é hoje, quer dizer, não tão hoje, enfim, na metodologia de ensino em atividade remota eu continuo seguindo os meus conteúdos e meus planos, os conteúdos que eu escolho para ministrar aula porque nem todas as vezes tem livro de arte na escola e quando tem eu também nunca gosto muito, eu acabo, utilizo o texto onde eu pesquiso, atividades aonde eu pesquiso, então, como eu trabalho no ensino médio, eu trabalho um pouco mais a teoria da história da arte, a história da arte desde que surgiu no mundo, lá na pré-história até o mundo contemporâneo e aí textos, as pesquisas, atividades e quando presencial: exposições, apresentações e outros”

As *arteeducadoras* não conseguiram desenvolver uma metodologia que incluísse a prática em dança no modelo de ensino remoto, sendo possível somente adaptar pequenas atividades e transformar materiais físicos para o virtual. Bottentuit Junior (2010, p. 30) aponta que “é necessário que a escola ofereça as condições básicas no que tange as tecnologias e os professores estejam formados e dispostos a criar metodologias de utilização das TIC”. Mesmo os professores estando dispostos em meio as sobrecargas de funções não houve abertura para o desenvolvimento de práticas e o contexto não estava a favor.

A questão seguinte pede que elas citem algumas mudanças do primeiro ano de pandemia e do segundo ano de pandemia que tenham notado durante esses 2 anos.

A entrevistada A relatou que

“As aulas no primeiro ano tiveram um retorno escalonado, a gente tinha aulas grupo A e grupo B, então alunos foram divididos, a turma foi dividida grupo A e grupo B, vinha grupo A: segunda, quarta e sexta, e terça e quinta grupo B, aí terminamos o primeiro ano. Voltamos no segundo ano com a aula escalonada, grupo A e grupo B, porém no segundo ano foi só um mês se eu não me engano, foi só um mês de aula nesse formato, no outro mês já se veio presencial 100%, todos os alunos e a partir disso que a gente conseguiu ver quem realmente retornou para a escola. Com aula escalonada a gente tinha a sensação de que o aluno não estava presente, mas com o retorno 100% a gente conseguiu identificar quem não retornou ou quem vinha um dia, quem vinha 2 dias ou quem apareceu e sumiu ou quem adoeceu, essa foi a diferença”.

Em seu relato a participante B diz

“Olha, no segundo a gente voltou de forma híbrida, a gente participava, íamos todos os dias para a escola, digo os professores, mas os alunos não iam todos os dias, então, a diferença é essa, a gente participou um pouco mais de aulas presenciais e unimos, fizemos um misto de aula remota com presencial, foram aulas híbridas, a diferença é que os alunos estavam mais dispersos, eles queriam ir pra aula pra se encontrar e não pra estudar, como já é bem difícil”

Os alunos passaram por um período sem aula e 3 organizações de aulas durante a pandemia, sendo o primeiro online, por conta do isolamento; seguido por um ensino híbrido onde as aulas eram presenciais com uso de máscaras e online; e o mais recente que foi o novo presencial com protocolos de proteção, regado de incertezas e dificuldades transportadas do online ao físico.

Cordeiro (2020) que desenvolveu um trabalho sobre a pandemia e o ensino remoto na cidade de Manaus através de notícias, materiais bibliográficos e outros registros na área de educação e saúde mostra o quanto Manaus e o restante do Brasil foram impactados pela pandemia no campo da educação, traz à tona a discussão sobre a urgência de mecanismos para a implementação da educação a distância em nosso país diante do contexto em que o mundo se depara, com uma realidade caótica sem precedentes de uma pandemia. Aqui nota-se que todos os relatos reforçam e dialogam com a fala de Cordeiro não somente em questões sociais, mas em processo de preparo e infraestrutura.

5.5 Dança e sua invisibilização na pandemia

Em relação as mudanças que foram realizadas nos planos de aula a licenciada A disse que

“Todas as mudanças, pensando na dança todas as mudanças, a gente teve que trabalhar exatamente vídeos, passava o conteúdo e vídeos, coisa que na sala, na aula presencial a aula é prática não é, em tudo, a gente gravava os vídeos explicativos das atividades porque quando a gente escrevia não era entendido, então foi mais utilização mesmo de vídeos”

Quando a profissional relata aqui sobre “vídeos”, informa que são vídeo teóricos e não com atividades práticas, pois os alunos tinham dificuldades de compreender as atividades por texto, sendo necessário um vídeo explicando o que deveria ser realizado. Esse formato de vídeo foi algo que funcionou em relação aos assuntos teóricos, e se bem elaborado para atividades práticas em dança poderia ter tido um retorno bom no aplicativo WhatsApp.

B diz

“Tivemos mudanças sim no plano de aula, porque ele é feito de acordo com as aulas presenciais, e aí mudamos as aulas presenciais para escrever que eram feitas remotas ou na época que foi híbrida, que os alunos iam 2 dias para a escola e ficavam 2 dias em casa, então foi a época que mais deu trabalho, a gente trabalhava tanto presencial quanto remoto, então as duas coisas foram juntas e aí os planos de aula foram readaptados para isso, mas só na escrita mesmo. Em relação à escrita só colocando que não eram mais presenciais, eram remotas e através dos aplicativos”

A falta de suporte aos alunos em casa causou muitos desentendimentos na questão do aprendizado, é sabido que nem todos os pais oferecem acompanhamento por diversas questões, deixando os alunos em estado de abandono educacional dentro das próprias casas. Faz-se necessário dizer que nem todos os abandonos são intencionais e variam de família para família por motivos sociais.

A seguir temos exemplos de atividades executadas pelas professoras:

Figura 1 – Atividade sobre pontilhismo

Atividade Avaliativa do 2º bimestre

TEMA: Pandemia

Assunto: Pontilhismo

|

Registro no caderno:

O pontilhismo surgiu na França em meados da década de 1880 e é uma técnica de pintura que se baseia na colocação de pontos coloridos muito próximos uns dos outros o que, à distância, provoca uma mistura ótica. Esta técnica de pintura caracteriza-se por "construir" o desenho com camadas sucessivas de pontos de cor até a saturação total da tela.

O artista que mais se dedicou a esta técnica e ao seu desenvolvimento foi George Seurat, pintor impressionista.

No Brasil, diversos artistas entre 1889 e 1930, empregaram o pontilhismo. Destacam-se, nesse sentido, Belmiro de Almeida, Eliseu Visconti, Rodolfo Chambelland e Artur Timóteo da Costa, entre outros.

Em resumo, o pontilhismo consiste em pintar o que é observado aplicando pequenos pontos de cor muito próximos.

Agora utilizando a técnica do pontilhismo, vamos criar seu desenho.

Faça um desenho utilizando a técnica do pontilhismo com o tema Pandemia.

Solte sua imaginação. (Papel A 4 ou Caderno de desenho).

Será avaliado: Criatividade, exploração das cores, efeitos e capricho.

Assista os exemplos no link abaixo.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=pQqU5zIP7UQ>

Ao terminar enviar foto no WhatsApp. (XX) XXXXX-XXX (Prof. AAAAAAA)

Fonte: Arquivo disponibilizado pelas *arteducadoras*

Figura 2 – Atividade sobre o Dia do Folclore

Escola Estadual XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Profa. BBBBBBBBBBBBBB Matéria: Arte

Aluno:

Turma:

Turno:

1* Atividade de Artes do 4* bimestre*

O dia do Folclore é comemorado no dia 22 de Agosto. E é um conjunto de conhecimentos de um povo, e integra os costumes, crenças, parlendas, contos, mitos, lendas, adivinhas, músicas, danças e festejos populares de uma cultura ou região.

Pesquisa no caderno: Dia do Folclore;

- 5 lendas amazônicas;

- 3 Adivinhas;

Obrigatório: Desenho ou Figura.

Papel Alçaço

2ª atividade do 4º bimestre

Guia de apoio: Escrever no papel Alçaço, página 24 e 25

Fonte: Arquivo disponibilizado pelas *arteeducadoras*

Tendo em vista as atividades passadas pelas professoras, se faz necessário analisar que os alunos estavam tendo dificuldades em realizar exercícios sem orientação presencial delas. Elas estavam realizando atividades mais simples e que exigiam interpretação, leitura e pouco desenho, que era o assunto mais presente em meio ao conteúdo da disciplina de Arte. A dança aparece de forma indireta em meio a um contexto cultural e não como conteúdo direto. As profissionais tinham uma rotina pré-programada pela televisão e os alunos já iam consultá-las com atividades feitas pelo “Aula em Casa”, cabendo a elas corrigir e avaliar os alunos de algumas formas, mesmo não tendo uma total certeza de seu aprendizado. Se para aplicar atividades teóricas estava difícil, imaginem realizar práticas com os alunos pelo WhatsApp, seria complicadíssimo, já que os alunos não se dispõem a realizar atividades que envolvem

corpo e movimento. Vários fatores impediram as práticas em dança online na escola, sendo alguns deles a falta de celular/equipamento dos alunos; o sistema educacional que invisibilizou o conteúdo dança dentro da disciplina de Arte colocando pouco conteúdo até mesmo teórico, a falta de disponibilidade dos alunos que possuem um certo “receio” a práticas em dança que vem desde as aulas presenciais até os dias presentes. Cordeiro (2020, p. 10) diz que “embora os professores estivessem passando por diversas alterações em sua rotina, o seu papel de manter o engajamento dos alunos se intensificou, sendo até mesmo necessário não cobrar muito dos alunos no contexto pandêmico”. Os alunos perderam o ritmo de aprendizagem no período remoto, o que fez com que a metodologia e ritmo das aulas fossem repensados para o formato remoto.

Ao serem questionadas se realizaram aulas práticas de forma remota, A respondeu

“Não, prática não, os alunos não tinham internet para entrar no Meet, a realidade era falta de dinheiro, não tinha como manter uma aula prática sem eles terem internet, eram pouquíssimos alunos que iam entrar, então eu escolhi não fazer prática nesse período. Os alunos do PIBID, quando voltamos presencial davam aula de casa e eu transmitia aqui, e aí a gente conseguiu fazer essa aula prática, mas eu realizando não, eu só trabalhava com a teoria”.

A arteeducadora B relatou

“Não, não teve como fazer isso, aulas práticas de forma online não, foi no máximo uma videoaula dos estagiários e da Residência Pedagógica mostrando como é a dança, alguns estilos. Os alunos respondiam de forma teórica com atividades de fixação, fazer essa prática online fica muito complicado como eu já falei, de 30 a 40 alunos nem 10 participam”

A prática em dança não ocorreu. As profissionais tinham um caminho bastante difícil durante as aulas na pandemia, seja por falta de abertura para a dança, falta de metodologias, falta de acesso e outras diversas faltas que colocaram o ensino da dança em local de inexistência em um sistema que não funcionou, porém seguiu sendo o único possível na situação vivenciada.

Marques (1999) em sua obra fala sobre o processo de escolarização da dança e sobre a dança e a educação no mundo contemporâneo, onde pode-se notar que a dança regrediu em termos de importância dentro da escola, voltando para um lugar de apagamento por conta das mudanças contemporâneas e circunstâncias pandêmicas que não permitiu a prática da dança. As entrevistadas, ao relatarem que os conteúdos orientados a serem trabalhados pela Secretaria de Educação seriam somente o de Artes Visuais, expõem uma forma de negligência em relação a área de dança e não possibilidade de sugestões para metodologias práticas por meio virtual.

5.6 Pontos de vista das Entrevistadas sobre o Ensino Remoto

A pergunta seguinte foi sobre como elas veem essa introdução do ensino remoto na escola pública, se acreditam que precisa ser mais estruturado, precisa ter mais investimento, se acreditam que vai perpetuar e que vão passar a utilizar mais esse ensino, ou acreditam que essas mudanças ainda demorariam um tempo para serem estabilizadas e seria necessário mesmo continuar presencial como já era feito antes da pandemia.

A respondeu

“Primeiro que não houve um preparo, na pandemia não deu tempo de fazer um preparo, se para o professor assimilar isso foi difícil, imagina para o aluno. Quando há um processo no qual você não é preparado, você não entende que aquilo é necessário naquele momento, que é importante e precisa ter um estudo sobre essa importância, o ensino remoto pode se tornar um meio, mas não sendo colocada da forma como foi, sem preparo, sem equipamento, sem material e sem o professor estar preparado para isso. O professor é a chave de tudo na escola, se ele tem o preparo, ele consegue passar isso para o aluno. Mas a gente sabe que a tecnologia não é para todos, nós temos professores que são ali de ensinar presencialmente, e ele vai continuar esse processo presencial, a gente sabe que também tem professores que vão se utilizar dessa tecnologia, dessa área digital, mas tem que ter um preparo. É necessário, mas agora nesse momento eu acho que não funciona essa aula, quem sabe para o futuro com novos projetos a gente consegue colocar essa aula online, essa aula remota para que os alunos entendam que um dia ele fica em casa e assiste a aula remota e no outro dia ele vem para a escola estudar que é a forma invertida, a sala de aula invertida que chamam.”

A professora B disse

“Olha eu acho que o ensino remoto surgiu a partir de uma necessidade não é, já havia em algumas faculdades um trabalho sim, mas o que é bem planejado, bem trabalhado é legal, é bom, mas o ensino remoto nas escolas públicas do estado e do município, elas foram colocadas porque era o jeito. A gente vivia num momento pandêmico, vivemos ainda, mas foi mais forte nessa época e esse período pandêmico foi muito complicado, a gente não tinha outra forma de fazer ou fazia desse jeito ou não fazia, foi muito pobre, muito pobre. A educação perdeu, a gente perdeu uma geração vai fazer 3 anos, porque ainda não conseguimos recuperar esses alunos”

5.7 Palavras finais das Arteeducadoras:

Para finalizar foi perguntado se as arteducadoras gostariam de pontuar algo que não foi pontuado. Entrevistada A disse

“O professor de arte ele teve que se reinventar, porque o desenho ele é feito direcionado direto no caderno não é, o caderno de desenhos; a dança ela é totalmente prática; ensinar a música também, a gente precisa da prática, precisamos ter o contato e aí nesse momento online eu tive que me reinventar em relação ao conteúdo. Se uma aula semanal já se tornou difícil imaginem daqui a cada 15 dias o aluno ter essa aula online e o professor ter que ficar dando esse suporte, para aula remota em relação ao ensino das artes se tornou bem difícil esse entendimento do conteúdo que você tem que explicar, você tem que ir reexplicar o conteúdo e o tempo na aula remota ficou muito longe, ficou muito grande e quase não teve aula para o bimestre por exemplo, para fechar uma nota, quase não teve, não teve aprendizado.”

A professora B relatou

“Eu poderia pontuar que esse período pandêmico foi muito, foi não, está sendo ainda muito difícil. Os alunos, nós retornamos e isso foi visto com muita expectativa, as pessoas acham que é tudo muito bom, muito lindo, talvez em uma universidade seja mais fácil entender o conteúdo de forma remota, na escola os alunos, é um pouco mais difícil e eles param de estudar remotamente, você tem que ter muita disciplina, porque você está em casa, aí você pensa “ah, eu vou estudar depois, vou dormir um pouquinho”, a disciplina tem que vir antes e quando o aluno da escola pública sem

acompanhamento, sem tecnologia, numa casa pequena, com tantos irmãos e outras dificuldades, é pior ainda, então, infelizmente eu reforço que esse período perdemos muitos alunos. Ainda estamos tentando retomar assim, sabe, respirando, tentando respirar um pouquinho.”

Todas essas barreiras relatadas nas falas das arteeducadoras são reais. A pandemia surgiu fortemente em cima do sistema educacional frágil existente no Brasil. A dança dentro dos moldes presenciais da escola sempre enfrentou diversas problemáticas, sendo ela uma área de conhecimento que foi jogada de lado por muitos anos e usada somente em ocasiões específicas que envolvem uma apresentação que resulta em reprodução por reprodução. O corpo e seus movimentos dentro das escolas seguiram um padrão de enrijecimento que não foi totalmente quebrado na sociedade brasileira, sendo esta uma das principais promotoras de desentendimentos sobre a dança. A dança ao contrário do que muitos pensam erroneamente não acontece somente na pele, ela é realizada em conjunto com a mente. Existem metodologias para o ensino da dança na escola que focam em habilidades e desenvolvimentos mentais-corpóreos dos alunos, porém, não são aplicadas frequentemente no cotidiano.

Tendo isso em vista, torna-se extremamente desafiador desenvolver práticas com alunos em tempos de ensino emergencial remoto. No caso das profissionais não houve, o que nos faz refletir se com outros licenciados e professores de Arte/Dança aconteceu da mesma forma. A dança através das telas se não fosse utópica no ensino básico, poderia se desdobrar em caminhos de descoberta e corporificação desse movimento físico para o virtual, gerando um diálogo coletivo sobre as experiências pandêmicas e as sensações, afetos e compartilhamentos desse período em forma de dança. Pode ser que outros profissionais em rede pública tenham obtido sucesso, não sabemos e os casos apresentados aqui não realizaram atividades pelo contexto social. Os problemas de tempos ‘normais’ se intensificaram nos anos de pandemia e o apagamento da dança foi reforçado durante esse trajeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As professoras dentro do ambiente escolar pandêmico passaram por várias situações e assumiram diversos papéis, ficando assim, sobrecarregadas de funções, ou seja, sem tempo adequado para planejamento, treinamento e organização. Entre as atuações que assumiram na escola, estava entrar em contato com alunos através de WhatsApp, buscar formações e informações para si e para ajudar os colegas de profissão, lidar com as diversidades de problemas dos alunos que foram relatadas e reportadas a elas pela secretaria e pela direção da escola, afinal é impossível não se afetar e não se solidarizar com as situações advindas da pandemia, que só escancarou os pontos frágeis do sistema de ensino brasileiro, em específico na cidade de Manaus.

A dança foi jogada para escanteio, assim como o teatro e a música, tendo-se as artes visuais como o principal assunto das aulas de Arte e as outras se tornaram suas coadjuvantes. As profissionais não realizaram atividades em que a dança era praticada, somente em forma de teoria e não em termos de movimento. Isso se deu por fatores sociais dos alunos que não têm condição de manter uma internet de qualidade, um celular que seja compatível com as funcionalidades e um espaço adequado; sem falar nos alunos terem vergonha de expor seus corpos e movimentações através das telas.

O formato de ensino remoto é lindo na prática, porém quando se possui estrutura, organização, professores capacitados e alunos com os recursos básicos para a execução de tais atividades online. A dança voltou para o lugar do canto nos dois relatos, mas não por culpa das professoras, elas realizaram seus trabalhos mediante as condições que tinham e isso ninguém pode questionar, a arte embora presente como forma de entretenimento no dia a dia da sociedade foi deixada de lado pelo sistema de ensino tradicional.

No que diz respeito a construção de estratégias de ensino aprendizagem nas escolas das *arteducadoras*, houve adaptações de atividades teóricas, uso do WhatsApp como principal plataforma de suporte ao ensino público e flexibilização em relação a atividades e conteúdos ministrados, adotando a ferramenta de vídeos e links do Youtube. Em relação ao ensino prático em dança, não foi possível desenvolver ou

construir estratégias que alcançassem os alunos sem recursos sendo decidido nenhuma prática para ninguém ser prejudicado.

Os professores se conectavam e conversavam com o público escolar pelo WhatsApp. Ocorreram testes com Meet e Zoom para aulas em tempo real, porém o cansaço e as dificuldades tornaram a rede de mensagens instantâneas muito mais valiosa, sendo esse o principal meio de contato entre escola/pais e professor/aluno.

Suportes não foram exatamente encontrados pelas arteeducadoras dentro do ambiente de trabalho pandêmico. O que acharam foi uma cobrança excessiva sobre suas horas trabalhadas e nenhuma formação profissional, sendo obrigadas a aprender de forma autodidata. Elas não sabiam necessariamente como usar os aplicativos ou que funções deveriam tomar em meio ao caos educacional e atuavam como mediadoras, professoras, buscadoras de ferramentas e conhecimentos sobre ensino para repassar aos colegas de trabalho e conselheiras de pais e alunos em situações de dificuldades. A falta de resposta dos alunos e suas poucas interações nas aulas tornaram-se problemáticas que afetou bastante as arteeducadoras, que não tinham como saber se eles estavam acompanhando ou não o cronograma de aulas e atividades.

Os depoimentos trazidos na pesquisa caminharam em direção aos problemas de falta de acesso dos alunos e professores. Sem determinados fatores a dança não teve como ser trabalhada de forma contínua sendo apenas inserida em contexto de atividades teóricas vez ou outra.

O resultado da pesquisa acabou sendo a não realização de atividades práticas em dança por meio das licenciadas nas instituições de ensino, o que gera a dúvida se foram somente as profissionais que não conseguiram por meio de questões sociais e falta de acessos ou se isso foi um problema coletivo entre todos os profissionais da cidade de Manaus que desempenham a função de arteeducadores nas instituições de ensino público.

REFERÊNCIAS

AMANTE, L., and FONTANA, L. Mobilidade, Whatsapp e aprendizagem: realidade ou ilusão? In: **PORTO, C., OLIVEIRA, K.E., and CHAGAS, A., comp. Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons [online]**. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017.

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. **A Realidade da Educação Brasileira a Partir da Covid-19. Boletim de Conjuntura (BOCA)**. Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56–62, 2020.

BARBOSA, A., SANTOS, E., and RIBEIRO, M. Diário online no Whatsapp: app-learning em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: **PORTO, C., OLIVEIRA, K.E., and CHAGAS, A., comp. Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons [online]**. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017, p. 235-256.

BASTOS, Líliliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 31, p. 97-126, 2015.

BATALHA, C. S. e CRUZ, G. B. **Ensino de dança na escola: concepções e práticas na visão de professores**. Rev. Educação, Arte e Inclusão. Vol. 15, Nº 1. jan./mar. 2019.

BARBOSA, A., SANTOS, E., and RIBEIRO, M. Diário online no Whatsapp: app-learning em contexto de pesquisa-formação na cibercultura. In: **PORTO, C., OLIVEIRA, K.E., and CHAGAS, A., comp. Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons [online]**. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017, p. 235-256.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. **Concepção, Avaliação e Dinamização de um Portal Educacional de WebQuests em Língua Portuguesa**. 2010. 637 f. Tese (Doutoramento em Ciências da Educação, Área de Conhecimento de Tecnologia Educativa) - Universidade do Minho, Instituto de Educação, Braga, 2010.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Coronavírus. Como é transmitido?** Brasília, 2022. Disponível em: [Como é transmitido? — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br) Acesso em: 31 de jan. 2022.

CORDEIRO, Karolina Maria de Araújo. **O Impacto da Pandemia na Educação: A Utilização da Tecnologia como Ferramenta de Ensino.** 2020.

DARSKI, Caroline; CAPP, Edison; NIENOV, Otto Henrique. Google meet. **Nienov, Otto Henrique; Capp, Edison (org.). Estratégias didáticas para atividades remotas.** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde: Ginecologia e Obstetrícia, 2021. p. 161-178, 2021.

DA SILVA, Chayene Cristina Santos Carvalho; DE SOUSA TEIXEIRA, Cenidalva Miranda. O uso das tecnologias na educação: os desafios frente à pandemia da COVID-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 9, p. 70070-70079, 2020.

DE SOUZA, Maria Caiane Lino; RAMOS, Maria Eduarda Lacerda; SERAFIM, Alexandre do Prado Caldas. **EVASÃO ESCOLAR E PARTICIPAÇÃO NO ENSINO REMOTO.** 2021.

DEUSDARA, B. ROCHA, D. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória.** ALEA VOLUME 7 NÚMERO 2 JULHO – DEZEMBRO 2005 p. 305-322

DORIGONI, G. M. L.; SILVA, J. C. **Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar.** Santa Catarina: UNIOESTE, 2008.

GIL, Antonio Carlos et al. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

KATZ, Helena. **Dança, robôs, desigualdade: como refundar a sociedade do comum.** Anais do V Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Manaus: ANDA, 2018. p. 760-771.

LAKKA, V. Et al. Os desafios pandêmicos e outros modos de re-existências nas artes. **In:Coleção Quais danças estarão por vir? Trânsitos, poéticas e políticas do corpo, 1).** Salvador: ANDA, 2020.

MARCONI, M. A., e LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados.** 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, I. **Dançando na Escola**. Editora: Cortez. Local: São Paulo. Ano: 2001.

MARQUES, I. **Ensino de Dança na Escola Hoje**. Editora: Cortez. Local: São Paulo. Ano: 1999.

MARQUES, I. **“APRESSA-TE LENTAMENTE”**: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE DANÇA NA ERA DA RAPIDEZ. Cadernos do LINCC, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 9–21, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/clincc/article/view/14852>. Acesso em: 19 maio. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, J.A., and TRINDADE, S.D. O Whatsapp como dispositivo pedagógico para a criação de ecossistemas educacionais. In: **PORTO, C., OLIVEIRA, K.E., and CHAGAS, A., comp. Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons [online]**. Salvador: Ilhéus: EDUFBA; EDITUS, 2017, pp. 49-68.

NEUMANN, Ana Luisa et al. **Impacto da pandemia por covid-19 sobre a saúde mental de crianças e adolescentes: uma revisão integrativa**. 2021.

PINTO, A. D. S. **Dança como área de conhecimento: dos PCN's á sua implementação no sistema educacional municipal de Manaus**. Manaus: Travessia/Fapeam, 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

REGO, I. S. P. **Informática Aplicada ao Ensino da Dança: Uma proposta metodológica para a dança digital**. 2019. 184 p. Tese (Doutorado - Doutorado em Educação) -- Universidade de Brasília, 2019.

RENGEL, L. P. **Corpo e Dança como lugares de corponectividade metafórica**. Rev. Cient. /FAP, Curitiba, v.4, n.1 p.1-19, jan./jun. 2009.

ROSINI, M. A. **As novas Tecnologias da Informação e a Educação a distância**. São Paulo: Cengage Learning. 2ª edição. Ano: 2013.

SANTOS JUNIOR, V. B., e MONTEIRO, J. C. S. **Educação e Covid-19: As Tecnologias Digitais Mediando a Aprendizagem em Tempos de Pandemia**. In: **Revista Encantar - Educação, Cultura e Sociedade** - Bom Jesus da Lapa, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020.

SARAIVA, Karla; TRAVERSINI, Clarice Salete; LOCKMANN, Kamila. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis educativa**. Ponta Grossa, PR. Vol. 15 (2020), e2016289, p. 1-24, 2020.

SOUZA, M. A. C., e XAVIER, J. Ensino Remoto Emergencial e Metodologias Ativas no Contexto da Dança. **Tudo Isto é Dança (Livro Eletrônico)** 1. ed. Salvador, BA: Editora Anda, 2021. PDF.

STRAZZACAPPA, M. **Dança na Educação: Discutindo questões básicas e polêmicas**. Pensar a Prática 6: 73-85, jul./jun. 2002-2003

WATANABE, Flávio Yukio et al. Formação docente em metodologias ativas e o uso de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no ensino remoto emergencial. In: **Anais do CIET:EnPED:2020 – Congresso Internacional de Educação e Tecnologias | Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância**, São Carlos, ago. 2020.

APÊNDICE

Entrevista

1. Quando começou as aulas no início da pandemia e como isso procedeu em 2021 e em 2022?
2. Atua como professora de Arte/Dança há quanto tempo?
3. Como você reagiu à notícia de ministrar aulas remotas?
4. Como ficou organizado o ano letivo pela SEDUC?
5. Quais dificuldades você teve ao iniciar a aula por meio de tecnologias e como se organizou para isso?
6. Como de organizou para entrar em contato com pais, alunos?
7. Quais equipamentos você possuía no início da pandemia e quais você tem atualmente?
8. Conhecia alguma das plataformas e aplicativos? Quais? E qual você mais utiliza?
9. Que mudanças você teve de realizar na construção de planos e aulas?
10. Você teve algum treinamento ou qualificação?
11. Como era sua metodologia no início da pandemia e como ou qual é hoje?
12. Qual a principal diferença entre encontros virtuais e presenciais e como se dava o contato com os alunos?
13. Deu aulas práticas de forma online? Se sim, como ocorreu? Você acha que os alunos conseguiram apreciar/vivenciar a Dança de forma satisfatória?
14. Quais relatos você tem acerca dos alunos e suas famílias?
15. Você percebia alteração de humor nos alunos?
16. Cite alguma situação que te marcou durante esse período pandêmico
17. Houve muito abandono durante os anos de pandemia?
18. Diferenças entre o primeiro ano de pandemia (2020) e o segundo (2021)
19. Como você vê esse escancaramento do ensino remoto, que surgiu de forma emergente e como acha que vai se dar a partir de agora?
20. Tem algo que você gostaria de pontuar que eu não tenha perguntado

ANEXOS

MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

O (a) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar deste estudo intitulado, **“Dança, Tecnologia e Educação em tempos pandêmicos: atuações do arteeducador na rede pública”** porque tem o perfil e preenche os critérios para, na condição de sujeito, possa participar desta pesquisa. Esclarecemos que sujeito da pesquisa é a expressão dada a todo ser humano que, de livre e espontânea vontade e após ser devidamente esclarecido, concorda em participar de investigações científicas fornecendo informações.

Os sujeitos serão entrevistados e informados através de contatos pessoais pelo próprio pesquisador das datas e horários, assim como dos locais com comodidade e segurança e de comum acordo com o entrevistado para a coleta das informações.

O (a) Sr. (a) será submetido (a) a uma entrevista com o objetivo de fornecer informações para o melhor entendimento do assunto em questão, e terá toda autonomia para participar ou não na pesquisa, também, terá liberdade integral para se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. Tanto sua pessoa quanto os dados fornecidos serão mantidos sob absoluta confidencialidade e, portanto, ninguém mais terá conhecimento sobre sua participação.

Vale esclarecer que esta pesquisa não apresenta risco de qualquer natureza para a qualidade de vida dos sujeitos investigados. Informamos também que sua decisão de participar do estudo não está de maneira alguma associada a qualquer tipo de recompensa financeira ou em outra espécie.

Esclarecemos que o(a) Sr.(a) receberá uma cópia deste documento e de outros que se fizerem necessários para que as informações estejam sempre à mão, outrossim deixo aqui meu endereço e meus contatos para que a qualquer momento que necessitem de orientação ou informação sobre o preenchimento deste.

Para quaisquer informações, fica disponibilizado também o endereço da Escola Superior de Artes e Turismo, da Universidade do Estado do Amazonas, na Av. Leonardo Malcher nº 1728, Praça 14 de janeiro, Cep 69010-170, Manaus-Am, que funciona de 2ª a 6ª Feira, das 14h às 21hs

Pesquisador: Marcos Telles do Nascimento
Endereço: Avenida Preciosa, 1048, Monte das Oliveiras
E-mail: mtn.dan18@uea.edu.br
Telefone: (92)98419-6305

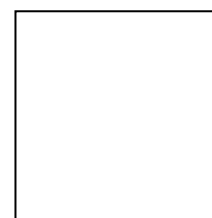
CONSENTIMENTO

Eu, _____, li, tomei conhecimento, entendi os aspectos da pesquisa e, voluntariamente, concordo em participar do estudo, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, fornecendo as informações disponibilizadas na entrevista sem que nada haja de ser reclamado a título de direitos a minha imagem e som de minha voz. Estou ciente de que não vou haverá remuneração, e que posso a qualquer momento que achar pertinente. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: ___/___/___

Assinatura do Pesquisador Responsável



Impressão do dedo
polegar caso não
saiba assinar